

corações bem amados que demoram na Terra e espera com paciência.

— Como poderei conhecê-la? — perguntei impressionado.

Narcisa, que parecia alegrar-se com o meu interesse, explicou satisfeita:

— Amanhã, á tardinha, após as preces, a Ministra virá ao salão, a-fim-de esclarecer alguns aprendizes sobre o pensamento.

XXXIII

CURIOSAS OBSERVAÇÕES

Poucos minutos antes de meia-noite, Narcisa permitiu minha ida ao grande portão das Camaras. Os Samaritanos deviam estar nas vizinhanças. Era imprescindível observar-lhes a volta, para tomar providencias.

Com que emoção tornei ao caminho cercado de árvores frondosas e acolhedoras! Aqui, troncos que recordavam o carvalho vetusto da Terra, além, folhas caprichosas lembrando a acácia e o pinheiro. Aquele ar embalsamado figurava-se-me uma benção. Nas Camaras, apesar das janelas amplas, não experimentara tamanha impressão de bem-estar. Assim caminhava, silencioso, sob as frondes carinhosas. Ventos frescos agitavam-nas de manso, envolvendo-me em sensações de repouso.

Sentindo-me só, ponderei os acontecimentos que me sobrevieram, desde o primeiro encontro com o Ministro Clarendó. Onde estaria a paragem de sonho? Na Terra, ou naquela colônia espiritual? Que teria sucedido á Zélia e aos filhinhos? Por que razão me prestavam ali tão grandes esclarecimentos, sobre as mais variadas questões da vida, omitindo, contudo, qualquer noticia pertinente ao meu antigo lar? — Minha propria mãe me induzira ao silencio, abstendo-se de qualquer informação direta.

Tudo indicava a necessidade de esquecer os problemas carnaes, no sentido de renovar-me intrinsicamente, e, no entanto, penetrando os recessos do sêr, encontrava a saudade viva dos meus. Desejava ardentemente rever

a esposa muito amada, receber de novo o beijo dos filhinhos... Por que decisões do destino estávamos agora separados, como se eu fôsse um naufrago em praia desconhecida? Simultaneamente, idéias generosas confortavam-me o íntimo. Não era eu o naufrago abandonado. Se minha experiência podia classificar-se como naufrágio, não devia o desastre senão a mim mesmo. Agora que observava em "Nosso Lar" vibrações novas de trabalho intenso e construtivo, admirava-me de haver perdido tanto tempo no mundo, em frioleiras de toda a sorte.

Em verdade, muito amara a companheira de lutas e, sem dúvida, dispensava aos filhinhos ternuras incessantes; mas, examinando desapaixonadamente minha situação de esposo e pai, reconhecia que nada criara de sólido e útil no espírito dos meus familiares. Tarde verificara esse descuido. Quem atravessa um caminho sem organizar sementeira necessária ao pão e sem proteger a fonte, que sacia a sede, não pode voltar com a intenção de abastecer-se. Tais pensamentos instalavam-se-me no cérebro com veemência irritante. Ao deixar os circuitos carnis, encontrara as penurias da incompreensão. E que teria sucedido à esposa e filhinhos, deslocados da estabilidade doméstica para as sombras da viuvez e da orfandade? Inútil interrogação.

O vento calmo parecia sussurrar concepções grandiosas, como que desejoso de me expertar a mente para estas mais altas.

Torturavam-me as inquições internas, mas, prendendo-me então aos imperativos do dever justo, aproximei-me da grande cancela, investigando além, através dos campos de cultura.

Tudo luar e serenidade, céu sublime e beleza silenciosa! Extasiando-me na contemplação do quadro, demorei alguns minutos entre a admiração e a prece.

Instantes depois, divisei ao longe dois vultos enormes que me impressionaram vivamente. Pareciam dois homens de substância indefinível, semi-luminosa. Dos pés e braços pendiam filamentos estranhos, e da cabeça como que se escapava um longo fio de singulares proporções. Tive a impressão de identificar dois autênticos fantas-

mas. Não suportei. Cabelos erigidos, voltei apressadamente ao interior. Inquieto e amedrontado, expus a Narcisca a ocorrência, notando que ela mal continha o riso.

— Ora essa, meu amigo — disse, por fim, mostrando bom humor — não reconheceu aqueles personagens?

Fundamente desapontado, nada consegui responder, mas Narcisca continuou:

— Também eu, por minha vez, experimentei a mesma surpresa, em outros tempos. Aqueles são os nossos próprios irmãos da Terra. Trata-se de poderosos espíritos, que vivem na carne em missão redentora e podem, como nobres iniciados da Eterna Sabedoria, abandonar o veículo corpóreo, transitando livremente em nossos planos. Os filamentos e fios que observou são singularidades que os diferenciam de nós outros. Não se arreceie, portanto. Os encarnados, que conseguem atingir estas paragens, são criaturas extraordinariamente espiritualizadas, apesar de obscuras ou humildes na Terra.

E, encorajando-me bondosamente, acentuou:

— Vamos até lá. Temos quarenta minutos depois de meia-noite. Os Samaritanos não podem tardar.

Satisfeito, voltei com ela ao grande portão.

Lobrigava-se, ainda, a enorme distância, os dois vultos que se afastavam de "Nosso Lar", tranquilamente. A enfermeira contemplou-os, fez um gesto expressivo de reverência e exclamou:

— Estão envolvidos em claridade azul. Devem ser dois mensageiros muito elevados, da esfera carnal, em tarefa que não podemos conhecer.

Ali estivemos, minutos longos, parados na contemplação dos campos silenciosos. Em dado momento, porém, a bondosa amiga indicou um ponto escuro no horizonte enluarado, e observou:

— Lá vêm eles!

Identifiquei a caravana que avançava em nossa direção, sob a claridade branda do céu. De repente, ouvi o ladrar de cães, a grande distância.

— Que é isso? — interrogué assombrado.

— Os cães — disse Narcisa — são auxiliares preciosos, nas regiões obscuras do Umbral, onde não encontram somente os homens desencarnados, mas também verdadeiros monstros, que não cabe agora descrever.

A enfermeira, em voz ativa, chamou os servos distantes, enviando um deles ao interior, transmitindo avisos.

Fixei atentamente o grupo estranho que se aproximava de-vagarinho.

Seis grandes carros, formoso diligência, precedidos de matilhas de cães alegres e bulhentos, eram tirados por animais que, mesmo de longe, me pareceram iguais aos muars terrestres. Mas a nota mais interessante era os grandes bandos de aves, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares.

Dirigi-me, incontinenti, a Narcisa, perguntando:

— Onde o aerobus? Não seria possível utiliza-lo no Umbral?

Dizendo-me que não, indaguei das razões.

Sempre atenciosa, a enfermeira explicou:

— Questão de densidade da matéria. Pode você figurar um exemplo com a água e o ar. O avião que fende a atmosfera do planeta, não pode fazer o mesmo na massa equórea. Poderíamos construir determinadas máquinas como o submarino; mas, por espírito de compaixão pelos que sofrem, os núcleos espirituais superiores preferem aplicar aparelhos de transição. Além disso, em muitos casos, não se pode prescindir da colaboração dos animais.

— Como assim? — perguntei surpreso:

— Os cães facilitam o trabalho, os muars suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário; e aquelas aves — acrescentou, indicando-as no espaço — que denominamos ibis viajores, são excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas.

Vinha, agora, mais próxima a caravana.

Narcisa fixou-me com bondosa atenção, rematando:

— Mas, no momento, o dever não comporta minudências informativas. Poderá colher valiosas lições sobre os animais, não aqui, mas no Ministério do Esclarecimento, onde se localizam os parques de estudo e experimentação.

E, distribuindo ordens de serviço, aqui e acolá, preparava-se para receber novos doentes do espírito.